

SEÇÃO I

Economia Agrícola

Sumário

O PIB Agropecuário deve apresentar uma queda de 1% em 2018. Este resultado é explicado pelas quedas na lavoura (0,6%) e na pecuária (2,5%), enquanto o segmento outros deverá registrar aumento de 0,7%. Considerando-se as estimativas do IBGE para o resultado da lavoura no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), entre os principais produtos da lavoura, os destaques positivos ficam por conta das safras de trigo e café, com estimativas de crescimento de 33,6% e 23,8%, respectivamente. Por sua vez, a safra de milho deverá recuar 15,9%.

No segundo trimestre de 2018, o movimento dos preços agropecuários foi de continuidade e acentuação de alta – devido ao aumento das demandas externa e interna – à desvalorização do real frente ao dólar e, também, à oferta relativamente mais restrita. A soja, que está em fase de comercialização, apesar de apresentar recuperação nos preços – crescimento de 13,2% em relação ao mesmo período do ano passado –, não atingiu o volume negociado de 2017.

Os preços do milho seguiram o comportamento da soja no mesmo período. A alta dos preços se deve à baixa produção na safra de verão e na segunda safra de 2018. Os preços do trigo alcançaram os maiores patamares do ano em junho. Este movimento foi sustentado pela baixa oferta do produto e pela alta do dólar. Os preços da pluma de algodão sustentaram a forte alta já apresentada no primeiro semestre do ano, em razão da maior demanda externa e da oferta restrita no mercado doméstico.

No grupo das hortifrutícolas, o preço da banana teve queda de 19% na comparação entre os segundos trimestres de 2017 e 2018. Os preços da laranja pera in natura no mercado ficaram estáveis neste período. Por sua vez, os preços da batata aumentaram, por ser um período de entressafra e pela comercialização deste produto ter sido afetada pela greve dos caminhoneiros. O preço do leite recebido pelos produtores registrou a quinta alta consecutiva em junho – em comparação com o primeiro trimestre de 2018, ele esteve 20,5% maior. Esse movimento de alta ocorreu em função da oferta limitada de leite no campo, fator que tem pesado mais do que a queda na demanda.

A redução dos preços do boi gordo ao longo do segundo semestre foi decorrente da dificuldade de venda da carne no varejo. Por sua vez, o aumento da oferta para o mercado doméstico reflete a retração das exportações. O comportamento dos preços também teve a contribuição da greve dos caminhoneiros, que paralisou o

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Dimac/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

abate em vários estados do país. Os preços do suíno mantiveram comportamento similar aos de 2017. A avicultura de corte teve forte queda nos preços do animal vivo no primeiro trimestre de 2018. Já entre abril e junho, os preços estiveram em forte recuperação no mercado doméstico, em razão do aumento da demanda e da baixa oferta do produto, refletindo a estratégia das empresas como forma de enfrentar a retração do mercado externo. A produção de carne de frango foi uma das mais afetadas pela paralisação do transporte durante a greve dos caminhoneiros.

Em relação ao mercado externo, destaque para a exportação de soja e celulose, que tiveram aumento tanto em valor quanto em quantidade devido ao aumento significativo das vendas para a China. Já as exportações de milho em 2018 sinalizam uma recuperação na produção nacional, após queda acentuada em 2017. No segundo trimestre, os produtos que tiveram maiores quedas foram a carne de frango – consequência do embargo europeu – e o açúcar. Entre as razões que podem explicar este desempenho estão, por exemplo, o aumento da tarifa de importação do produto na China e a queda na produção nacional de açúcar frente ao aumento da produção de etanol.

Dos produtos importados, o trigo, um dos principais insumos dos alimentos processados, cresceu fortemente em valor, devido à elevação de preços no mercado internacional. Em relação à quantidade importada, o crescimento foi de apenas 3,6% frente a 2017, reflexo da queda na produção argentina na última safra devido à seca, o que aparentemente será recuperado na safra de 2018.

1 Mercados e Preços Agropecuários¹

No segundo trimestre de 2018, a tendência dos preços agropecuários foi de continuidade e acentuação do movimento de alta relacionado à demanda, à desvalorização do real frente ao dólar e também à oferta relativamente mais restrita. Adicionalmente, no final do período, os preços foram impulsionados pela greve dos caminhoneiros, com seu efeito sobre o abastecimento durante a paralisação, e pela geração de uma demanda represada nos dias subsequentes. Ressalta-se que o efeito da greve teve especificidades em cada mercado e região, e que o impulso aos preços acima mencionado reflete apenas uma tendência geral.

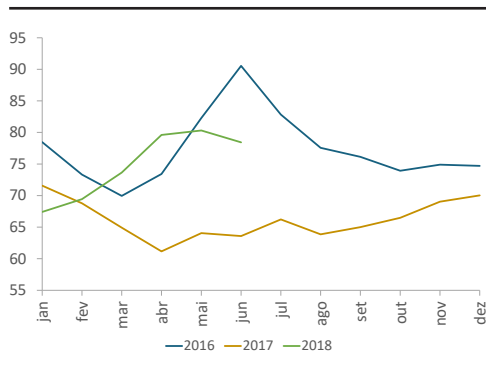
O aumento da demanda externa pela soja brasileira e a desvalorização do real frente ao dólar impulsionaram os preços internos do produto e seus derivados desde o começo do ano – movimento que se manteve no segundo trimestre. A média do Indicador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Cepea/Esalq) Paraná no segundo trimestre do ano foi 13,2% superior à do trimestre imediatamente anterior (gráfico 1). Incertezas quanto aos preços do frete limitaram as negociações nos meses de maio e junho, com agentes priorizando a comercialização de pequenos lotes. Uma

¹ Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, André Sanches (grãos), Fernanda Geraldini (hortifrutícolas), Renato Garcia Ribeiro (café), Natália Salaro Grigol (leite), Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi) e Juliana Ferraz (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq da Universidade de São Paulo (USP).

retomada do mercado parece ter surgido apenas no final de junho. A comercialização da próxima safra, contudo, está abaixo do esperado para essa época.



GRÁFICO 1
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço da soja
(Em R\$ por saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

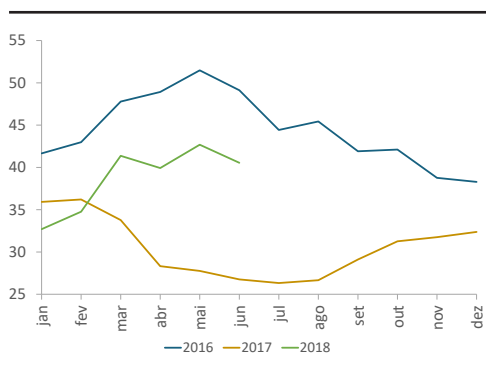


Perspectivas Soja:

A comercialização da soja encontra-se avançada. Entidades estaduais estimam que, até o início de julho, 86% da produção do Mato Grosso já havia sido comercializada. Produtores brasileiros passam a se concentrar no planejamento da próxima safra, que deverá se iniciar entre os meses de setembro e outubro no Centro-Oeste. A perspectiva é que o Brasil mantenha o aumento de área plantada devido à elevada rentabilidade da soja comparada às outras culturas de verão.

Os preços do milho apresentaram alta na maior parte dos mercados domésticos neste período de entressafra. Para a região de Campinas, São Paulo, por exemplo, o Indicador Esalq/BM&FBovespa de milho no segundo trimestre teve alta de 13,2% em relação ao trimestre anterior. Na comparação semestral, os preços em 2018 estão 22% maiores que os do mesmo semestre em 2017. O aumento nos preços é decorrente da forte retração de produtores e de vendedores em negociar o cereal, diante da redução de 11,6% na produção do milho no verão e de incertezas quanto à produtividade da segunda safra. Com isso, o impacto da paralisação do transporte foi mais suave no mercado do milho. A estiagem em algumas regiões do Centro-Oeste e Sul, nos meses de maio e abril, impactou no desenvolvimento das lavouras de segunda safra, gerando incertezas quanto à oferta (gráfico 2).

GRÁFICO 2
Indicador Esalq/BM&FBovespa do preço do milho
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

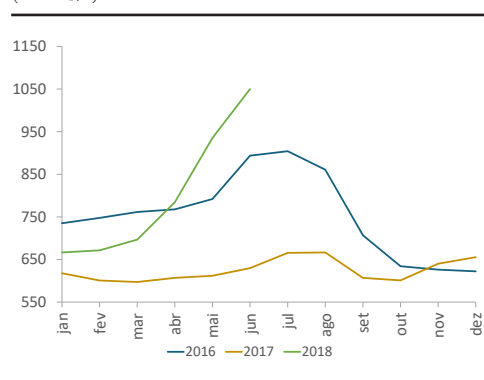


Perspectivas Milho:

A colheita de milho da segunda safra começa a ganhar ritmo no início do terceiro trimestre e a perspectiva é que a entrada do cereal seja um fator de pressão para baixo dos preços no mercado interno. A menor produtividade das lavouras deve limitar a queda dos preços, entretanto, a expectativa de menor oferta entra como um fator de sustentação dos preços. Atualmente, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima redução de área de 4,1% e queda de 13,3% na produção da segunda safra em relação à safra anterior.

Os preços do trigo alcançaram os maiores patamares do ano em junho, em termos nominais. Este movimento foi sustentado pela baixa oferta de trigo de boa qualidade e pela alta do dólar – fator que contribuiu para o aumento do custo de abastecimento do mercado interno com trigo importado. Nesse contexto, o clima seco, que atrasou o semeio do trigo em algumas praças da região do Sul do país, fez com que vendedores estocassem o produto, postergando suas vendas na expectativa de preços maiores no futuro. Apesar da paralisação do transporte, o aumento do preço do trigo pode ser explicado principalmente pela queda na oferta. O preço médio do grão segundo o Indicador Cepea/Esalq Paraná no segundo trimestre do ano foi 36,2% superior ao do trimestre anterior (gráfico 3).

GRÁFICO 3
Indicador Cepea/Esalq Paraná do preço do trigo
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

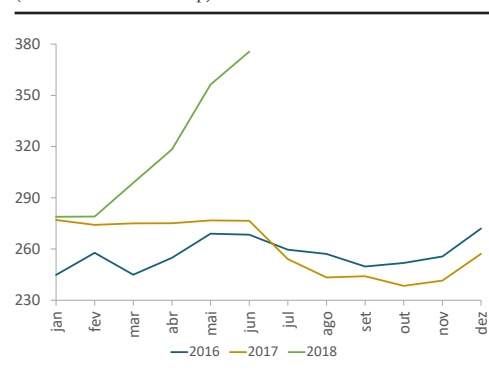


Perspectivas Trigo:

Para as próximas semanas, as atenções dos agentes se voltarão para o desenvolvimento das lavouras, que deverão determinar a oferta nos próximos meses. No Paraná, responsável por cerca de 60% da oferta de trigo nacional, o Departamento de Economia Rural (DERAL) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB) apontou que, até o último dia 3 de julho, cerca de 97% da área destinada ao cereal já havia sido semeada. Das lavouras que já foram implantadas, 83% estão em boas condições, 14% em médias e 3% em ruins. Na Argentina, com o clima favorável, o semeio já somou 67,5% da área destinada ao cereal até a última semana de junho.

Os preços da pluma de algodão apresentaram forte alta no primeiro semestre do ano, movimento que foi verificado tanto no primeiro quanto no segundo trimestre. A média do Indicador Cepea/Esalq do algodão, com pagamento em oito dias, no mês de junho teve o maior valor nominal desde abril de 2011: a média do segundo trimestre foi 22,6% superior à do trimestre anterior. O aumento vem tanto da maior demanda externa e da oferta restrita no mercado doméstico, especialmente de lotes de boa qualidade, quanto do aumento no preço internacional e da desvalorização do real frente ao dólar (gráfico 4). No caso do algodão, o impacto da greve dos caminhoneiros parece ter sido pouco importante no tocante a preços.

GRÁFICO 4
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão*
(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

* Principais regiões produtoras.

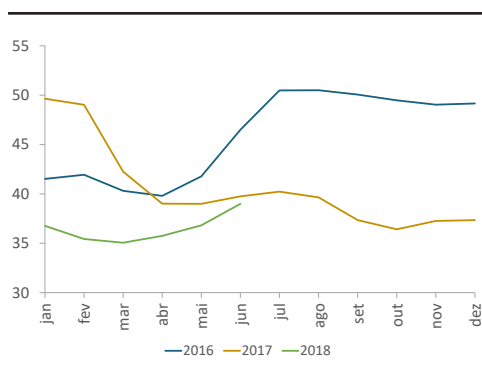


Perspectivas Algodão:

Cotonicultores estão atentos às atividades de colheita que se iniciaram na segunda quinzena de junho e de beneficiamento da safra 2017/2018, ofertando pequenos lotes no spot. Segundo as secretarias estaduais, a comercialização no Mato Grosso atingiu, no início de julho, 79,6% da produção prevista da safra 2017/2018. Para as próximas semanas, a perspectiva é que os preços sejam pressionados, reflexo do avanço da colheita e das estimativas de produção elevada. Por enquanto, a Conab estima que a produção brasileira de algodão em pluma atinja 1,96 milhão de toneladas, alta de 28,5% frente à safra anterior.

Os preços do arroz, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, tiveram altas no segundo trimestre do ano. O aumento nos preços atrelou-se à demanda aquecida tanto para o mercado externo quanto para o doméstico. Na média do segundo trimestre, o Indicador Esalq e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio Grande do Sul (SENAR-RS) do arroz em casca registrou alta de 4% em relação ao trimestre anterior. Considerando a média do semestre, no entanto, os preços em 2018 ainda estão em patamar 15,4% inferior que o do mesmo semestre de 2017 (gráfico 5).

GRÁFICO 5
Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca
(Em R\$/saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Arroz:

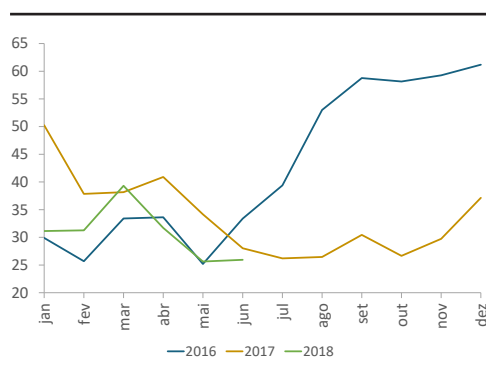
Para as próximas semanas, a perspectiva é que as indústrias brasileiras aumentem suas ofertas para os lotes de arroz depositado para conseguir repor seus estoques de casca e cumprir com os pedidos dos setores atacadista e varejista dos grandes centros consumidores. Favorecidos pelas recentes desvalorizações do real frente ao dólar, é esperado que as tradings sigam ativas, buscando lotes para atender aos contratos de exportação.

No que diz respeito aos hortifrutícolas, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a batata, a banana e a laranja são os produtos agrícolas com maior representatividade na formação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O preço da banana, por exemplo, teve queda de 18% na comparação entre o segundo e o primeiro trimestre de 2018. Comparando-se o primeiro semestre de 2018 e o mesmo período de 2017, a redução é de magnitude similar, 19%, o que pode ser explicado pela intensificação dos cortes de cachos da banana nanica no Vale do Ribeira em São Paulo, em abril. Juntamente com esta região, o norte de Santa Catarina também aumentou a safra, ainda que esta praça tenha destinado parte de seu volume ao mercado externo. Outro fator que limitou a comercialização e também contribuiu para a queda nos preços da fruta foi a greve dos caminhoneiros no final de maio (gráfico 6). A greve limitou a comercialização, travando os mercados e ampliando a oferta do produto quando a paralisação foi encerrada.

No caso da laranja, o trimestre de abril a junho foi de preços estáveis para a variedade pera no mercado in natura. Ainda que a colheita de frutas precoces tenha se iniciado (em maio, sendo intensificada em junho), a oferta de laranja no estágio de maturação ideal permaneceu baixa, amenizando a pressão nos preços. Além disso, a previsão para a safra 2018/2019 é de queda se comparada à safra anterior, o que elevou a demanda industrial por laranja e, conseqüentemente, manteve controlada a oferta de fruta no mercado doméstico in natura. Em relação ao primeiro

trimestre, os preços aumentaram 14% no segundo. No entanto, comparando-se o primeiro semestre de 2018 com o mesmo período de 2017, os preços estão 20% menores (gráfico 7).

GRÁFICO 6
Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado (Em R\$/caixa de 22 kg)



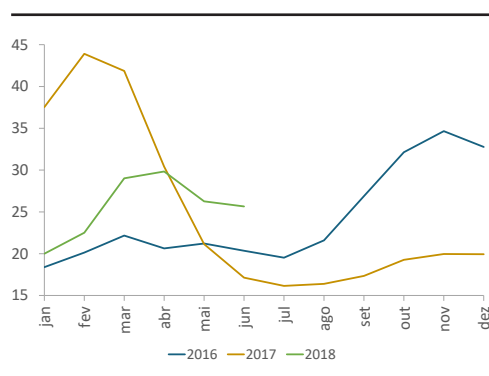
Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Banana:

O trimestre de julho a setembro pode ser de recuperação nos preços da banana nanica, devido à redução considerável na oferta de frutas no Vale do Ribeira, principalmente nos meses de agosto e setembro.

GRÁFICO 7
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera in natura no atacado (Em R\$/caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



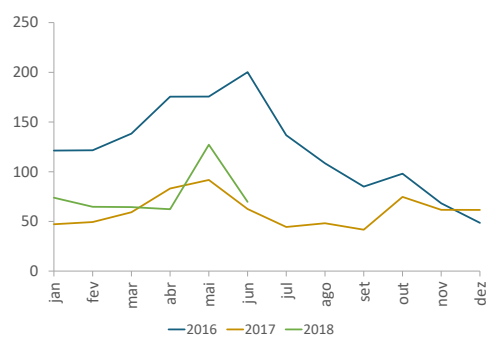
Perspectivas Laranja:

O trimestre de julho a setembro de 2018 pode ser de preços mais estáveis que o usual para o período. Ainda que seja prevista a intensificação da colheita da laranja pera (atingindo seu pico), esta foi uma das variedades mais impactadas pelas condições climáticas no período de florada, que resultaram em queda na produção. Além disso, a demanda industrial deve continuar elevada no período.

No trimestre de abril a junho, os preços da batata foram mais altos na Ceagesp se comparados com o mesmo período em 2017. O cenário foi mais acentuado em maio, mês em que os preços são tipicamente altos por ser um período de entressafra. Nesse ano, a alta foi ainda mais expressiva devido à greve dos caminhoneiros, que limitou o volume que chega às Centrais de Abastecimento (Ceasas). A variação entre o primeiro e o segundo trimestres do ano foi de 28%, e a comparação entre o primeiro semestre de 2018 e o mesmo período de 2017 registrou alta de 18%. Vale lembrar que, em 2017, as cotações recuaram 51% frente a 2016, e os preços ficaram abaixo dos custos de produção em quase todo o ano, como destacado na *Carta de Conjuntura nº 38* (gráfico 8).

GRÁFICO 8

Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado (Em R\$/saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



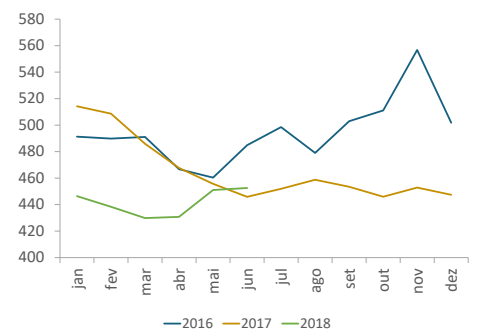
Perspectivas Batata:

Para o trimestre de julho a setembro, a previsão é de queda no preço da batata, devido ao pico da colheita da safra de inverno no país. Além de a oferta ser maior nesse período, neste ano o clima está favorável para o desenvolvimento das lavouras, e não houve redução da área plantada frente ao ano anterior.

No segundo trimestre de 2018, a comercialização do café arábica permaneceu relativamente lenta no Brasil, mesmo com os preços médios mensais registrando leve alta de 1,5%, quando comparados com os praticados no primeiro trimestre do ano. Alguns picos de preços foram observados, em associação à paralisação e retomada do transporte – reflexo da greve –, principalmente na primeira semana de junho. Do lado da oferta, vendedores estiveram ofertando menos, devido principalmente aos preços pouco atrativos e o foco nos preparos para a colheita. Do lado da demanda, a expectativa de safra recorde fez com que compradores adquirissem apenas o necessário para cumprir os compromissos de curto prazo, postergando as aquisições. Segundo informações da Conab, sendo 2018 um ano de bienalidade positiva, estima-se uma safra 29,1% maior frente a 2017. Além disso, a greve dos caminhoneiros acabou impactando nos embarques de café para o exterior, refletindo no total negociado no período. De modo geral, no primeiro semestre do ano, os preços estiveram 8% inferiores ao observado no mesmo semestre de 2017 (gráfico 9).

GRÁFICO 9

Indicador Cepea/Esalq do café arábica* (Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

* Principais regiões produtoras.



Perspectivas Café:

O terceiro trimestre de 2018 caracteriza-se pelo início da nova safra e pela finalização dos trabalhos de colheita no Brasil. Neste período, a comercialização ainda deve continuar lenta, uma vez que os produtores vão se concentrar em cumprir os contratos já fixados, negociando apenas em dias de altas na Bolsa de Nova Iorque e de câmbio favorável. Quanto aos preços, espera-se que as cotações de café arábica voltem a ter queda, especialmente durante julho, devido ao pico de colheita do grão, mas ainda em patamares que cubram os custos de produção.

O preço do leite recebido pelos produtores registrou a quinta alta consecutiva em junho na Média Brasil (Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) – preços líquidos, sem frete nem impostos. Em comparação com o primeiro trimestre de 2018, os preços estiveram 20,5% maiores (gráfico 10). Esse movimento de alta ocorreu em função da oferta limitada no campo, fator que tem pesado mais do que a queda na demanda. O setor ainda sofre as consequências dos baixos preços praticados no segundo semestre de 2017, o que desestimulou os produtores a investirem na atividade. Além disso, com o avanço da entressafra e o aumento dos preços dos grãos entre abril e maio deste ano, a produção de leite no campo foi prejudicada, elevando a competição entre indústrias de lácteos para assegurar o fornecimento de matéria-prima, em especial o fornecimento de ração. Adicionalmente, a greve dos caminhoneiros e a consequente interrupção do transporte de leite aos laticínios agravaram esse cenário. O Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-L) teve queda expressiva de 14,4% de abril para maio, acumulando queda de 24,1% no ano. Paraná e Minas Gerais foram os estados com maior redução do volume captado: 20,6% e 15,1%, respectivamente.

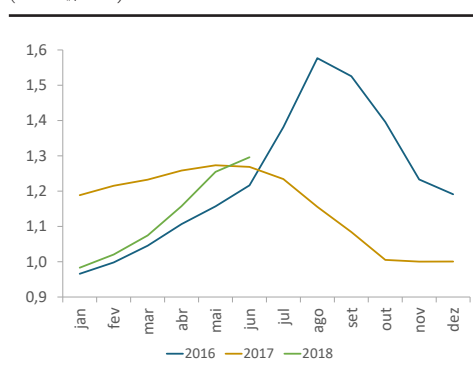
O resultado, atípico, esteve atrelado ao grande volume descartado de leite ainda nas propriedades, à paralisação das atividades industriais e ao esvaziamento de estoques nos laticínios e canais de distribuição, consequência da greve dos caminhoneiros. Como consequência, os preços dos derivados se elevaram consideravelmente. A demanda aquecida decorrente da recomposição dos estoques (referente à captação de junho) sustentou a alta dos preços ao produtor em julho. No entanto, a demanda por lácteos, enfraquecida desde o ano passado, deve segurar a intensidade da alta dos preços dos derivados e do preço do leite ao produtor. Durante a primeira quinzena de julho, as cotações do leite envasado em ultra alta temperatura (ultra high temperature – UHT), importante balizador dos preços no campo, voltaram a oscilar, trazendo novamente a prática das promoções diante de dificuldades dos consumidores em absorver novas altas. Este cenário pode indicar um novo teto de preços dos derivados.

Quanto às perspectivas, a oferta de leite no campo deve continuar decrescendo nos próximos meses em virtude do avanço do período de entressafra, marcado pelo clima menos favorável. O menor volume de chuvas, que impacta na disponibilidade de pastagens de qualidade, deve se estender até setembro/outubro. Antes disso, o produtor pode contar com as pastagens de inverno, cuja safra se iniciou em julho no Sul do país.

GRÁFICO 10

Brasil: preço médio do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)

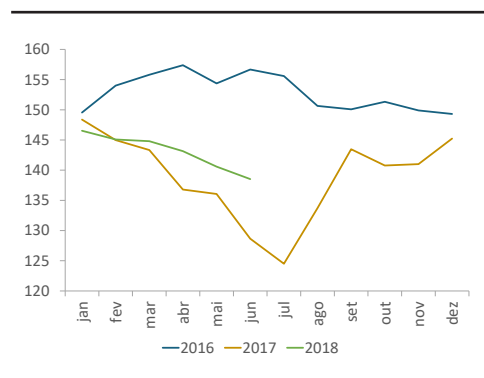
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

A comercialização de animais para abate se manteve lenta no segundo trimestre de 2018, com inconstância de agentes para negociar – com estes entrando e saindo do mercado e em uma posição mais recuada tanto para venda quanto para compra – e consequente oscilação das médias diárias de preços. A pressão sobre o mercado do boi gordo veio, em especial, da dificuldade de venda de carne no varejo, decorrente do consumo enfraquecido e também da oferta excedente, gerada pela diminuição do volume de carne bovina exportado. Um outro fator que pressionou as cotações da arroba foi a greve dos caminhoneiros. Com a paralisação dos abates pela falta de animais, os lotes que haviam sido comprados foram realocados em dias posteriores, diminuindo a necessidade de compra durante e após a greve. Na comparação com o valor médio do trimestre anterior, o preço da arroba de boi caiu 3,2%. No entanto, na mesma comparação (segundo trimestre frente ao primeiro trimestre de 2018), o preço da carne caiu 0,9% (gráfico 11).

GRÁFICO 11
Indicador Esalq/BM&FBovespa do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

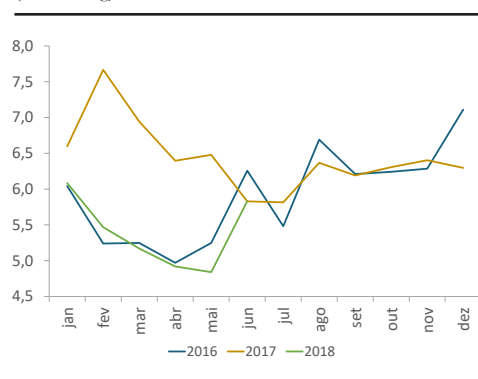


Perspectivas Boi:

Em um cenário marcado por compradores e vendedores bastante cautelosos, os operadores se mostram ainda mais atentos ao ritmo de comercialização da carne (mercado doméstico e externo) e ao volume de animais que será disponibilizado em um momento de intensificação das condições climáticas desfavoráveis, que perdurarão até setembro. No final do segundo trimestre, os contratos futuros de boi gordo negociados na B3 S.A. (Brasil, Bolsa, Balcão) apontavam expectativas de valores crescentes da arroba para os próximos meses, atingindo, em setembro, os maiores patamares do ano.

As vendas de carne em ritmo lento no mercado, com frigoríficos adquirindo lotes de animais vivos de forma cautelosa, mantiveram os preços do suíno em queda ao longo do segundo trimestre, dando continuidade ao cenário de queda nos preços já observado no primeiro trimestre de 2018. Em abril, o cenário de oferta superior à demanda continuou pressionando os preços para baixo. No mês subsequente, os valores começaram a esboçar uma reação de alta (especialmente no mês de junho), mas os descompassos causados pela greve dos caminhoneiros deixaram o setor bastante turbido. Em junho, no entanto, com o fim da paralisação dos motoristas e desabastecimento de mercados e distribuidoras, a demanda por produtos suínos aumentou significativamente, o que acabou refletindo no aumento de preços. A

GRÁFICO 12
Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado
(Em R\$/kg)



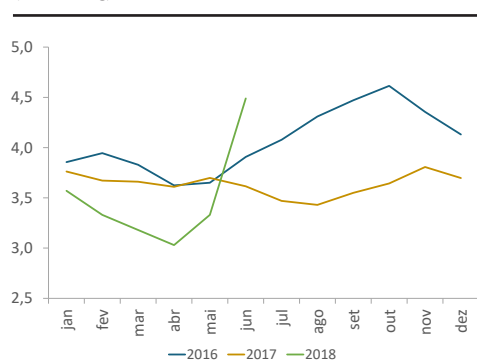
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

necessidade da indústria motivou muitas unidades frigoríficas, inclusive, a operarem próximas da capacidade máxima de abate e a pagarem preços maiores para a aquisição de novos lotes de animais. Ainda assim, as altas atingidas em junho não foram suficientes para suprimir as perdas ao longo de todo o trimestre. A carcaça especial suína registrou queda de 7% em relação ao trimestre imediatamente anterior e de 17% no comparativo com o segundo trimestre de 2017. Na comparação semestral (primeiro semestre de 2018 frente ao mesmo semestre de 2017), a redução de preços chegou a 19% (gráfico 12).

Quanto às perspectivas para o setor suinícola, a sobreoferta no mercado doméstico tende a permanecer caso o Brasil não consiga ampliar o volume de exportação. Nesse contexto, os preços podem voltar a cair, como aconteceu até maio, se o mercado doméstico não absorver toda a produção. As expectativas quanto às exportações ficam ainda condicionadas às tensões comerciais entre China e Estados Unidos, uma vez que este último é um importante fornecedor de carne suína para o mercado chinês. Não obstante, a China também é uma importante demandante do produto brasileiro. Tipicamente, as exportações de suínos são maiores no segundo semestre, o que pode contribuir positivamente para as expectativas do setor. Além disso, as temperaturas mais amenas estimulam o consumo de pratos quentes que utilizam a carne suína como matéria-prima, logo, pode haver um aquecimento pontual da demanda doméstica nos próximos meses.

No primeiro trimestre de 2018, a avicultura de corte foi marcada por quedas expressivas nas cotações do animal vivo e da carne. Já entre abril e junho, os preços da proteína de frango estiveram em forte recuperação no mercado doméstico. O aumento veio tanto da maior demanda como da baixa oferta do produto, verificada sobretudo no mês de junho. Em abril, o anúncio da União Europeia sobre o descredenciamento de cerca de vinte unidades frigoríficas brasileiras autorizadas a exportar para os países do bloco reduziu os embarques no período, elevando a oferta interna do produto e levando à baixa dos preços internos. No mês de maio, a demanda se aqueceu e os preços começaram a se recuperar. A sustentação esteve atrelada à estratégia de ajuste entre a oferta e a demanda, iniciada pelo setor ainda no primeiro trimestre. Diante das consecutivas baixas nos valores do animal vivo, desde fevereiro, avicultores vinham diminuindo o ritmo de alojamento, visando reduzir a disponibilidade de frango no mercado. No último mês do segundo trimestre, o impacto foi imediato ao cessar a paralisação dos caminhoneiros. A demanda represada em função da suspensão dos abates em muitos frigoríficos do país no final de maio e a interrupção das vendas e entregas durante a greve fizeram com que os preços tanto

GRÁFICO 13
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

do animal vivo como da carne disparassem na primeira semana de junho e, com menor intensidade, na segunda semana. Com efeito, o frango inteiro resfriado no estado de São Paulo teve valorização de 8% em relação ao trimestre anterior. No entanto, na comparação entre o primeiro semestre de 2018 e o mesmo semestre de 2017, ainda se registrou redução de 5% nos preços (gráfico 13).

A expectativa é que, se as remessas de carne enviada ao exterior não aumentarem, tanto os preços do animal vivo como da proteína continuarão em patamares abaixo da média. O típico desaquecimento da demanda em função das férias escolares de julho e as incertezas quanto ao comércio internacional intimidam os produtores e a indústria nacional de processados. Em junho, o Ministério do Comércio da China anunciou a taxa de 18,8% a 38,4%, sob a alegação de que tanto os produtores quanto as indústrias chinesas estariam sendo prejudicados por importações realizadas a preços abaixo do mercado. Mesmo com o revés que a notícia trouxe para o setor, seus efeitos poderão ser minimizados pelos recentes surtos de gripe aviária no país asiático, o qual é altamente dependente de importações brasileiras.

No mercado de ovos comerciais, apesar das sucessivas quedas nos preços durante o período pós-Quaresma, o movimento foi de alta em relação ao trimestre anterior (6%). Com o fim do período religioso, o recuo da demanda e a maior entrada de ovos menores no mercado instigaram a queda nas cotações. Além disso, os preços também foram impactados pelo descumprimento das vinte unidades frigoríficas brasileiras pela União Europeia. As empresas embargadas, ao tentarem reprogramar a produção de cortes e processados, afetaram a avicultura de postura. Com a interrupção do abate, os ovos férteis, que seriam alocados à produção de pintainhos de corte, foram ofertados no mercado de ovos comerciais, aumentando a oferta do produto e pressionando para baixo os valores tanto do tipo extra branco como do vermelho. A recuperação dos preços só ocorreu em junho, quando a crise de abastecimento gerada pela paralisação dos caminhoneiros contribuiu para aumentar as vendas e restringir a oferta (gráfico 14).

GRÁFICO 14
Bastos, São Paulo: Indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco
 (Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

2 Comércio Externo - Produtos Agropecuários e Agroindustriais ²



As tabelas 1 e 2 apresentam os dados de exportação dos principais produtos agropecuários e agroindustriais para o período de 2016 a 2018, para o acumulado no ano até junho, tanto em valor quanto em quantidade, com base na classificação Principais Produtos de Exportação (PPE), elaborada pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

TABELA 1

Brasil: valor das exportações de produtos agroindustriais segundo a classificação PPE (2016-2018)
(Em US\$ milhões)

PPE	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Soja mesmo triturada	13.892	16.668	18.433	32,7%	10,6%
Celulose	2.745	3.012	4.336	57,9%	44,0%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	2.855	2.721	3.338	16,9%	22,7%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miúdos	2.955	3.171	2.628	-11,1%	-17,1%
Açúcar de cana, em bruto	3.149	4.294	2.538	-19,4%	-40,9%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	2.221	2.173	2.239	0,8%	3,0%
Café cru em grão	2.110	2.299	1.953	-7,4%	-15,0%
Milho em grãos	2.029	544	831	-59,1%	52,7%
Demais produtos	8.721	8.920	8.553	-1,9%	-4,1%
Total geral	40.677	43.803	44.848	10,3%	2,4%

Fonte: SECEX/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

Brasil: quantidade de exportações de produtos agroindustriais segundo a classificação PPE (2016-2018)

(Em mil toneladas)

PPE	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Soja mesmo triturada	38.568	43.989	46.274	20,0%	5,2%
Celulose	6.642	7.100	7.962	19,9%	12,1%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	8.445	7.610	8.571	1,5%	12,6%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig.incl.miúdos	2.060	1.924	1.718	-16,6%	-10,7%
Açúcar de cana, em bruto	10.264	10.211	7.974	-22,3%	-21,9%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	572	524	561	-1,9%	7,1%
Café cru em grão	864	803	761	-11,9%	-5,3%
Milho em grãos	12.250	3.209	5.196	-57,6%	61,9%
Demais produtos	8.120	7.671	7.410	-8,7%	-3,4%
Total geral	87.784	83.042	86.426	-1,5%	4,1%

Fonte dos dados primários: Secex

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As exportações, em valor, apresentaram um comportamento bastante favorável no caso dos principais produtos e, no total, o crescimento foi de 2,4% com relação ao mesmo período de 2017 e de 10,3% com relação a 2016. As exportações de soja cresceram 10,6% com relação ao mesmo período de 2017 e 32,7% com relação a 2016. Este excelente resultado decorre principalmente das vendas para a China, que tem representado cerca de 77% das exportações brasileiras de grãos nos últimos três anos. Destaque para a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, que pode ter contribuído para o aumento da participação brasileiras

² Seção elaborada por Marcelo José Braga Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Diretoria de Estudos de Política Macroeconômica (Dimac) do Ipea.

no mercado internacional do grão. Mesmo com um cenário positivo, os dados de maio e junho poderiam ter sido ainda maiores não fosse a greve dos caminhoneiros, que dificultou a chegada da soja nos portos e reduziu, conseqüentemente, os estoques nas áreas de embarque. Apesar de os meses de maior venda serem de abril a junho, no acumulado do ano, o resultado esperado ainda é de crescimento, visto que as exportações de soja prosseguem normalmente até setembro. Em relação à quantidade produzida de soja, a Conab estima aumento de 4,2% na presente safra, o que reforça essa expectativa. Nesse sentido, além do aumento das exportações em valor, a quantidade exportada cresceu 5,2%, se comparada a 2017, e 20%, se comparada a 2016. As exportações de farelos e resíduos de soja tiveram um crescimento este ano em quantidade, subindo 1,5%, com relação a 2017, e 12,6%, com relação a 2018. Em valor, o crescimento foi ainda maior – 22,7% e 16,9%, respectivamente. O governo brasileiro está em negociação com a China sobre a abertura do mercado para derivados de soja, como o óleo e o farelo. O governo chinês alega, contudo, que a medida atual visa proteger os produtores locais, já que certos produtos brasileiros chegam abaixo do preço de mercado no país.

As exportações de celulose, em valor, tiveram um crescimento ainda mais robusto: 44%, com relação ao mesmo período de 2017, e 57,9%, com relação ao mesmo período de 2018. Alguns fatores contribuíram para este resultado, como os preços internacionais favoráveis e a desvalorização do real frente ao dólar. Em quantidades, esses aumentos foram de 12,1% e 19,9%, indicando que a alta de preços foi ainda maior do que a de quantidades. A China é também, nesse produto, o maior mercado, com participação de cerca de 38% e, em termos absolutos, foi o principal responsável por essa elevação. Entretanto, os demais mercados relevantes, como Estados Unidos e Itália, também apresentaram taxas de crescimento bastante elevadas. Aliado ao aumento da demanda internacional, a China, maior importador de aparas (fragmentos de papel para reciclagem), criou recentemente uma lei que limita a quantidade de aparas utilizadas na fabricação de seus produtos. Conseqüentemente, houve uma maior procura por fibra virgem e aumento na exportação de celulose brasileira para esse país.

As exportações de carnes de frango, apesar de ocuparem o quarto lugar na pauta de exportação, tiveram queda em valor de 17,1% no acumulado do ano com relação ao mesmo período de 2017, e de 11,1% com relação ao mesmo período de 2016. Considerando o período de abril a junho, as quedas foram de 25% com relação a 2017, e de 30% com relação a 2016.

Entre os principais mercados do frango brasileiro, as maiores quedas ocorreram nas vendas para Arábia Saudita – maior comprador –, Japão e Kuwait. As vendas para a China até tiveram um pequeno aumento, de 1,4%, entretanto, a Europa manteve o embargo da carne de frango brasileira. Além disso, uma parcela expressiva da queda das exportações em maio foi também devido à greve do transporte rodoviário, que teve desdobramentos em junho. A produção de carne de frango foi uma das mais afetadas, com efeitos que dificilmente serão revertidos nos meses seguintes.

As exportações de açúcar em bruto sofreram um forte baque este ano. Em valor, as quedas foram de 40,9% com relação ao mesmo período de 2017 e de 19,4% com relação ao mesmo período de 2016. Já em quantidades, as quedas foram um pouco menores, de 21,9% e 22,3%, respectivamente, indicando uma forte diminuição dos preços, além das quantidades. Algumas razões podem explicar este desempenho, entre elas: o aumento da tarifa de importação do produto na China, o aumento da oferta internacional pelos países asiáticos e a queda na produção nacional de açúcar frente ao aumento da produção de etanol.

As exportações de carne bovina, que vinham crescendo fortemente até abril, sofreram grande desaceleração a partir de maio. Em valores, as exportações desse produto aumentaram 3% com relação ao mesmo período de 2017 e 0,8% com relação ao mesmo período de 2016. Em quantidades, houve aumento de 7,1% com relação a 2017 e queda de 1,9% com relação a 2016. Todavia, tomando por base os trimestres abril-junho de 2017 e 2018, observa-se uma queda de 14%. No caso da carne bovina, ao contrário da carne de frango, é possível esperar alguma recuperação das exportações nos meses seguintes.

As exportações de café sofreram forte queda (15% este ano), consequência também da diminuição nos preços internacionais, ao passo que o milho vem experimentando uma elevação muito forte, de 52,7% com relação ao mesmo período de 2017, a despeito de uma queda da produção este ano.

As tabelas 3 e 4 apresentam os dados de importação dos principais produtos agropecuários e agroindustriais para o período de 2016 a 2018, para o acumulado no ano até junho, tanto em valor quanto em quantidade, com base na classificação Principais Produtos de Importados (PPI), elaborada pela Secex/MDIC.

De acordo com a tabela 3, as importações de produtos do agronegócio nos primeiros seis meses do ano caíram, em valor, 6,3% com relação ao mesmo período de 2017, mas apresentaram alta referente a igual período de 2016.

As importações de trigo cresceram fortemente em valor, tanto com relação a 2017 – 12,1% – quanto com relação a 2016 – 18,7%, principalmente devido à elevação de preços este ano, uma vez que, em quantidades, o crescimento foi de apenas 3,6% frente a 2017, mas de 16% com relação a 2016. Isso se deu a despeito de uma queda na produção argentina na última safra devido à seca, o que aparentemente já foi recuperado na safra de 2018, que prevê um crescimento de 15%.

As importações de salmão, produtos hortícolas, borracha e malte apresentaram quedas com relação a 2017, variando entre 3,3% e 6,1%. No entanto, azeite de oliva, demais produtos manufaturados e vinho de uvas tiveram fortes elevações com relação ao ano passado e, no caso do azeite e do vinho, elevações ainda mais acentuadas com relação a 2016. Essa grande diferença no comportamento de cada produto sugere que fatores relacionados ao mercado de cada produto tiveram uma influência muito superior ao de fatores macroeconômicos. Indicam também que

os efeitos da greve dos transportes também foram bastante diversificados, mas foram bem menores do que no caso das exportações. Isso se explica pelo fato de os desembarques de mercadorias nos portos não terem sido afetados pela paralisação de caminhões, apenas o seu transporte até os mercados consumidores.

TABELA 3

Brasil: valor das importações de produtos agroindustriais segundo a classificação PPI (2016-2018)

(Em US\$ milhões)

PPI	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Trigo em grãos	536	568	636	18,7%	12,1%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	194	268	256	31,8%	-4,5%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	242	240	232	-4,3%	-3,3%
Azeite de oliva, virgem	95	123	202	113,0%	63,7%
Demais produtos semimanufaturados	200	150	193	-3,3%	29,3%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	135	199	187	38,6%	-5,8%
Malte inteiro ou partido, não torrado	169	192	181	6,7%	-6,1%
Vinho de uvas	117	145	170	45,0%	17,2%
Demais produtos	2.391	2.746	2.281	-4,6%	-16,9%
Total Geral	4.079	4.630	4.338	6,3%	-6,3%

Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

Brasil: quantidade de importações de produtos agroindustriais segundo a classificação dos PPI

(2016-2018)

(Em mil toneladas)

PPI	2016	2017	2018	2018/2016	2018/2017
Trigo em grãos	2.758	3.086	3.199	16,0%	3,6%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	32	34	37	15,8%	10,9%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	245	247	240	-2,2%	-3,1%
Azeite de oliva, virgem	19	24	34	81,4%	41,9%
Demais produtos semimanufaturados	125	152	171	36,9%	12,3%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	105	102	119	13,1%	15,8%
Malte inteiro ou partido, não torrado	303	383	359	18,4%	-6,5%
Vinho de uvas	36	50	53	46,6%	5,3%
Demais produtos	2.720	3.233	2.218	-18,5%	-31,4%
Total Geral	6.343	7.312	6.429	1,4%	-12,1%

Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Nível de Atividade e Emprego

3.1 Produto interno bruto (PIB) Agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018 ³

O setor agropecuário segue apresentando trajetória modesta em 2018. Segundo o indicador Ipea de PIB Agropecuário, o setor avançou 2,6% entre os meses de maio e junho, na série livre de efeitos sazonais. O resultado, no entanto, não foi suficiente para evitar a queda no segundo trimestre, que ficou em 1,9% (na série com ajuste sazonal).⁴ Entre os seus componentes, o destaque positivo ficou por conta da lavoura, com alta de 2,2% na margem, enquanto a pecuária avançou 1,9% ante o mês de maio (ver tabela 5).

³ Subseção elaborada por Leonardo Mello de Carvalho e Marco Antonio F. H. Cavalcanti, ambos da Dimac/Ipea.

⁴ A metodologia do indicador é descrita em nota técnica da Carta de Conjuntura no 36, disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/cartade-conjuntura/index.php/2017/08/22/indicador-ipea-de-pib-agropecuaria-mensal/>>.

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, os resultados foram negativos. A queda de 2,9% foi explicada pela redução dos componentes lavoura e pecuária, que caíram 2,0% e 4,7%, respectivamente. Para os próximos meses, espera-se uma contribuição positiva da pecuária para o PIB (sempre nos dados ajustados sazonalmente), ao contrário do que se prevê para a lavoura.

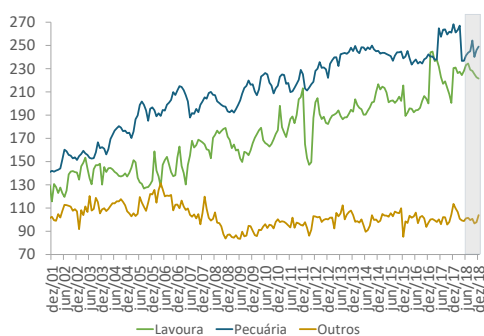
TABELA 5
Indicador Ipea de PIB Agropecuário e Componentes
(Variação em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Abr./18	Mai/18	Jun./18	TRI	Abr./18	Mai/18	Jun./18	TRI	no ano	Em 12 Meses
Agropecuária	-2,5	1,0	2,6	-1,9	-5,0	-3,9	1,5	-2,9	-2,7	1,3
Lavoura	-1,2	1,7	2,2	0,2	-5,8	-1,5	5,3	-2,0	-3,7	-0,1
Pecuária	-11,4	0,0	1,9	-9,7	6,4	-10,5	-7,9	-4,7	1,7	6,2
Outros	-1,5	-0,5	2,4	-5,7	5,4	-1,7	3,8	2,4	3,8	3,3

Fonte: Ipea
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

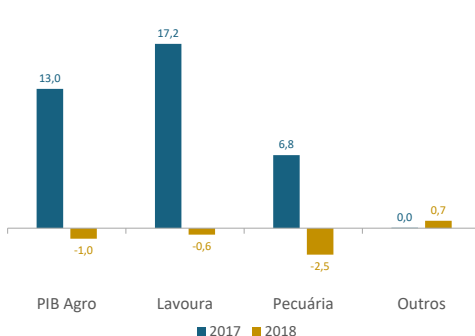
Considerando-se as estimativas do IBGE para o resultado da lavoura no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), e com base em modelos econométricos de séries de tempo, o Ipea estima uma queda de 1% para o PIB Agropecuário em 2018. Este resultado é explicado pelas quedas na lavoura (0,6%) e na pecuária (2,5%), enquanto o segmento outros deverá registrar aumento de 0,7% (gráfico 2). Entre os principais produtos da lavoura, os destaques positivos ficam por conta das safras de trigo e café, com estimativas de crescimento de 33,6% e 23,8%, respectivamente. Por sua vez, a safra de milho deverá recuar 15,9% (gráfico 17).

GRÁFICO 15
Indicador Ipea de PIB Agropecuário e componentes
(dez./2001-dez./2018)
(Índices dessazonalizados, média de 1995 = 100)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

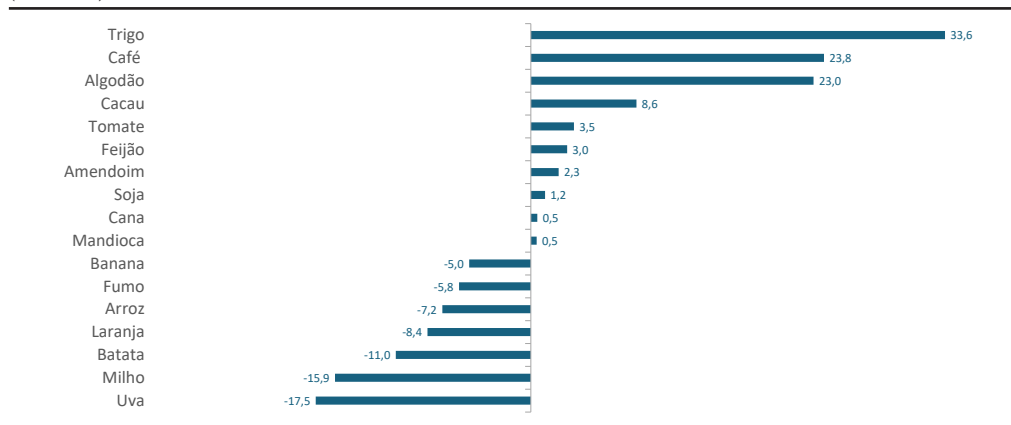
GRÁFICO 16
PIB Agropecuário por segmento: taxas de crescimento – observado em 2017 versus previsto para 2018
(Em % ao ano – a.a.)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 17

Principais produtos da lavoura – crescimento projetado em 2018
(Em % a.a.)



Fonte: IBGE/LSPA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



3.2 Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços⁵

Consideradas informações até março de 2018, estimativas do Cepea/Esalq/USP, feitas em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA), apontam para uma variação interanual de 3,2% no PIB-volume do agronegócio. O reajuste para baixo frente à estimativa apontada na *Carta de Conjuntura nº 39* reflete principalmente um movimento de desaceleração dos elos industriais (segmentos de insumos e da indústria de processamento) – mas que ainda se mantém em alta frente ao mesmo período de 2017. Consideradas as informações até março de 2018, espera-se, então, crescimento em volume para os segmentos agroindustrial, de insumos e de agrosserviços, e certa redução no segmento primário. Vale lembrar que, conforme apontado pela Conab, as estimativas para safra de grãos 2017/2018 ainda a colocam como a segunda maior da história.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária; produção agropecuária básica, ou primária; agroindústria (processamento); e agrosserviços.

Além das variações em volume do PIB, o Cepea/Esalq também calcula, em parceria com a CNA, as variações de preços relativos e do PIB-renda do agronegócio e de seus segmentos. A tabela 6 mostra a variação interanual estimada para esses indicadores.

⁵ Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Leandro Gilio, Ana Carolina de Paula Morais e Marcello Luiz de Souza Junior, todos do Cepea/Esalq/USP.

TABELA 6

Varição prevista para o PIB/renda do agronegócio e os preços relativos¹ do agronegócio (2018)

(Em %, com informações até mar./18)

	Preços Relativos ¹	PIB-renda do Agronegócio
Agronegócio Total	-7,6	-4,7
- Insumos	-2,4	-0,4
- Primário (Agropecuária)	-19	-19,1
- Agroindústria	-1	4,1
- Agrosserviços	-6,1	-2,5

Fonte: Cepea/USP, CNA, IBGE, Conab, Associação Nacional para a Difusão e Adubos (ANDA) e Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Defesa Vegetal (Sindiveg).

Nota: ¹ Comparação entre os deflatores do PIB do Agronegócio e do PIB da economia toda.

Quantos aos preços do agronegócio, avaliando-se dados de janeiro a março de 2018 (em comparação com o mesmo período de 2017), houve recuo de expressivos 7,6% para os preços relativos do setor. O cenário em preços é de baixa para todos os segmentos do agronegócio, com destaque para o primário, em que a redução relativa estimada é de 19%. Conforme destacado na Carta de Conjuntura no 39, avalia-se que essa queda ainda reflete um efeito inercial dos baixos preços que marcaram principalmente o segundo semestre de 2017, já que, ao longo de 2018, o cenário geral que tem predominado é o de certa recuperação das cotações, como apontado na seção sobre mercados e preços agropecuários. Para o ramo agrícola do agronegócio, diante da expectativa de uma oferta mais restrita e também da recuperação da demanda interna, espera-se que a relação de preços relativos desfavorável ao setor se amenize ao longo do ano, como já ocorreu entre janeiro e março. Para o ramo pecuário, a magnitude da queda nos preços relativos se acentuou ao longo do trimestre, com reduções de cotações observadas para importantes produtos do ramo, tanto no segmento primário quanto no elo industrial: frango e suíno vivos, e indústrias de curtimento e calçados de couro, de abate e de laticínios.

Diante da queda de preços, estima-se retração anual de 4,7% no PIB-renda do agronegócio, com redução mais expressiva, de 19,1% no segmento primário. Apenas para o segmento agroindustrial estima-se elevação do PIB-renda, sendo este impulsionado por maior produção estimada para o ano. O cenário de maior produção, por sua vez, reflete uma recuperação consistente da agroindústria, que vinha sendo observada desde meados de 2017. A manutenção deste movimento e expectativa, no entanto, está sujeita ao cenário e aos resultados da economia brasileira, que têm se deteriorado e ficado aquém do que se esperava. O ambiente geral de incertezas pode impactar de forma negativa, direta e indiretamente, as expectativas e a confiança do setor e da população em geral, o que pode reverter essa tendência de recuperação agroindustrial até então observada.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Mercados e Preços Agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, André Sanches e Nicole Rennó (Graões) – Cepea/Esalq-USP
Fernanda Geraldini (Hortifrutícolas) – Cepea/Esalq-USP
Renato Garcia Ribeiro (Café) – Cepea/Esalq-USP
Natália Salaro Grigol (Leite) – Cepea/Esalq-USP
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi) – Cepea/Esalq-USP
Juliana Ferraz (Suínos, aves e ovos) – Cepea/Esalq-USP

Comércio Externo - Produtos Agropecuários e Agroindustriais

Marcelo José Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Nível de Atividade e Emprego

Produto interno bruto (PIB) Agropecuário: indicador mensal e previsão para 2018

Leonardo Mello de Carvalho (Dimac/Ipea).
Marco Antonio F. H. Cavalcanti (Dimac/Ipea)

Renda e emprego no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros – Cepea/Esalq-USP
Nicole Rennó Castro – Cepea/Esalq-USP
Leandro Gilio – Cepea/Esalq-USP
Ana Carolina de Paula Morais – Cepea/Esalq-USP
Marcelo Luiz de Souza Junior – Cepea/Esalq-USP



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Christian Vonbun
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Vinicius dos Santos Cerqueira
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Renata Santos de Mello Franco
Victor Henrique Farias Mamede

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.